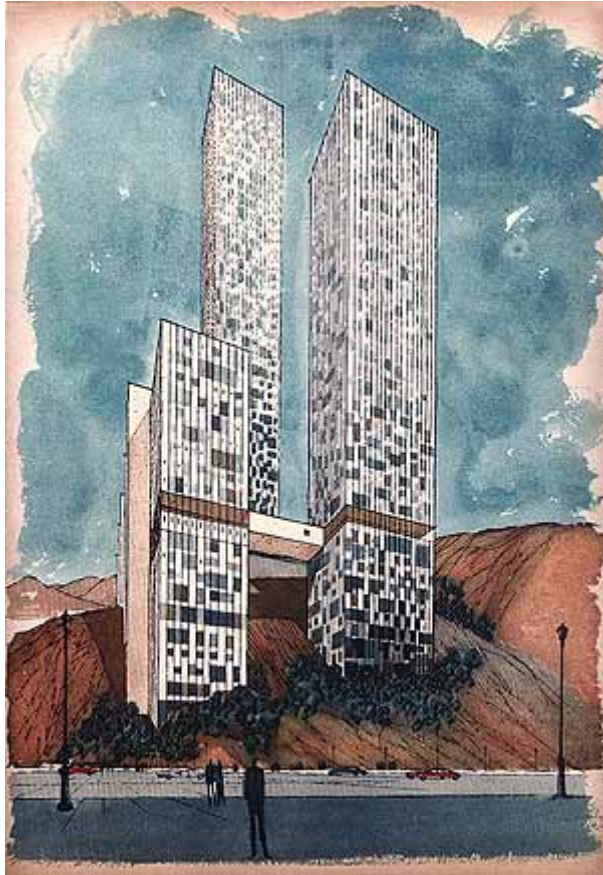
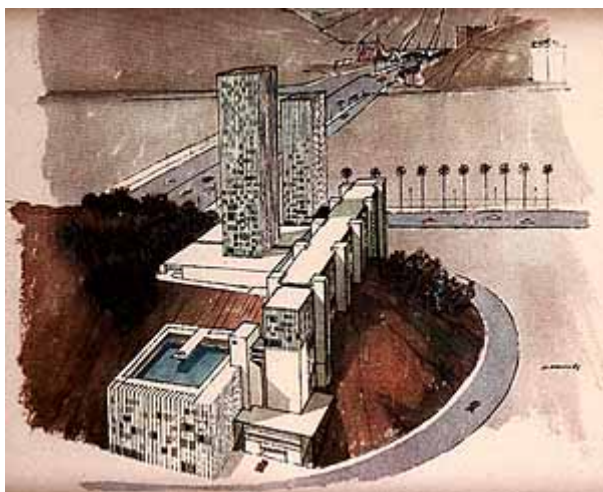


**sergio bernardes e eduardo de almeida: arquitetura que ensina**  
ana paula pontes



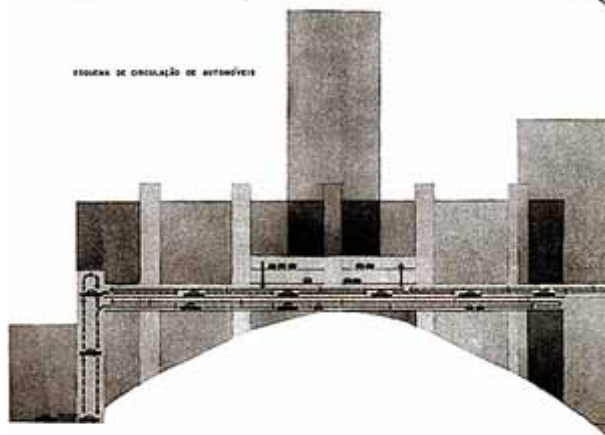
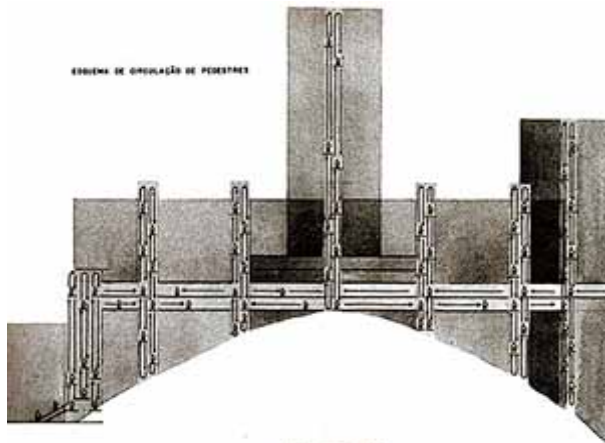
Casa Alta, perspectiva. Arquiteto Sérgio Bernardes



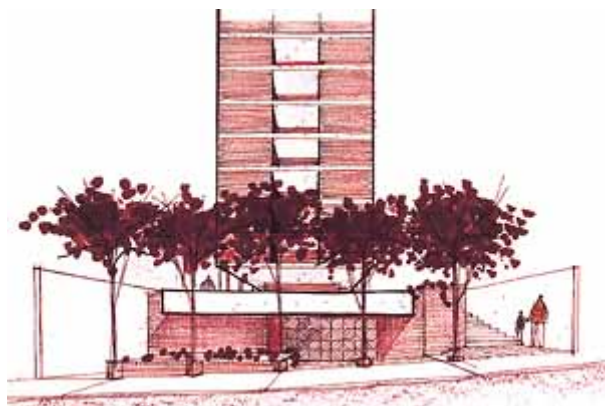
Casa Alta, perspectiva. Arquiteto Sérgio Bernardes

Sobre as escolas de arquitetura ronda a expectativa nada despreziosa de transformar jovens recém saídos da adolescência em profissionais aptos a participar, nas mais diversas escalas, da construção das nossas cidades. Ao professor de projeto cabe a árdua tarefa de conduzir esse processo. Alguns se sobressaem pelo carisma e pelo encantamento, outros deixam a impressão de que a arquitetura é das atividades mais complexas e inalcançáveis – certamente coisa para poucos. Eduardo de Almeida é daqueles professores que, apesar da discreta presença, é aguardado com ansiedade pelos alunos ávidos em aprender o ofício e desfrutar das conversas sobre a arquitetura dos mais diversos períodos e lugares. Fazendo questão de que os projetos sejam discutidos por todos, Eduardo mostra que arquitetura é algo que se aprende no exercício individual e também na leitura do projeto alheio. Mergulhando com enorme respeito nesses incipientes projetos, ele é capaz de criticar de modo preciso e algumas vezes duro, mas nunca dogmático. Decepciona aqueles que buscam receitas do bem fazer: os alunos voltam para casa sempre com mais problemas do que soluções, decididos a trazer algo mais aprimorado para o próximo encontro.

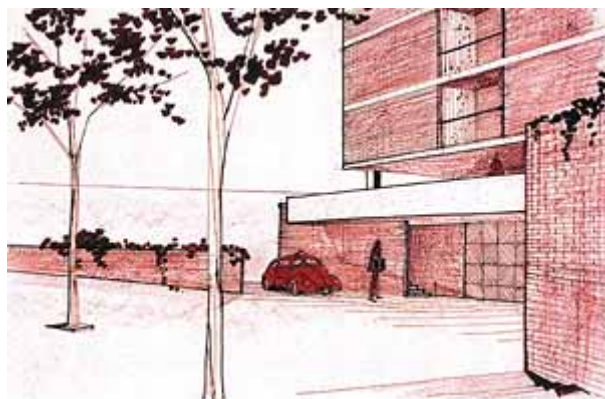
Sua personalidade ao mesmo tempo aberta e rigorosa se reflete em sua arquitetura e o faz alguém que se mantém como referência para além do período de estudante e até mesmo para além das atividades de projeto. Porque não procurá-lo para pedir emprestado um livro que alimentasse uma pesquisa sobre Sergio Bernardes? (1) A surpresa foi descobrir assim, casualmente, que o próprio Eduardo de Almeida fez parte de uma equipe de jovens profissionais associados ao arquiteto carioca entre 1962 e 1964 para realizar projetos na cidade de São Paulo (2). Torna-se, portanto, inevitável questionar a importância desse contato no amadurecimento de seu percurso. Em depoimento juntamente com Ennes da Silveira Mello (3), Eduardo conta que sua admiração por Sergio Bernardes está justamente em sua visão incomum do objeto arquitetônico como artefato cujo desenvolvimento deve ser levado às últimas consequências, incluindo, naturalmente, o emprego da mais alta tecnologia. Para Eduardo, o trabalho de Sergio Bernardes está isolado tanto do contexto arquitetônico carioca quanto do paulista, não apenas por seu pioneirismo na abordagem tecnológica da arquitetura, mas pelo modo como busca o limite desse caminho. Para muitos, ele seria um visionário, mas, para Eduardo, trata-se de um arquiteto muito sensato, cujo prazer reside na constante busca por novas soluções. Porém, não se pode negar que uma das marcas mais significativas da arquitetura de Sergio Bernardes seja o radicalismo, enquanto que o único extremo em Eduardo de Almeida é a obstinação com que busca resolver os problemas colocados para o projeto. Na arquitetura deste, opera o raciocínio lógico que vai destilando as soluções até que elas pareçam as mais adequadas para cada situação – não há espaço para o capricho e não há supérfluo, pois cada elemento tem sua razão de ser no conjunto. Eduardo de Almeida está, antes de mais nada, à procura de um aprimoramento constante a partir dos dados da realidade – a qual Sergio Bernardes não se



Casa Alta, esquema Circulação B. Arquiteto Sérgio Bernardes



Edifício Bela Cintra, fachada. Arquiteto Eduardo de Almeida



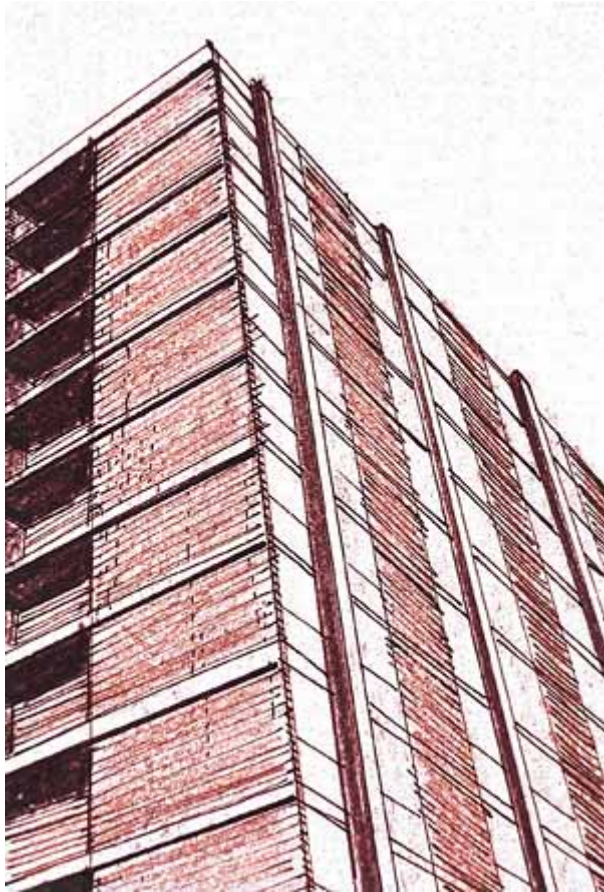
Edifício Bela Cintra, entrada. Arquiteto Eduardo de Almeida

incomoda em subverter. Caminhos que se encontram ao buscar idealidades de conotações opostas.

Em 1962, a equipe paulista de Sérgio Bernardes desenvolveu um projeto bastante inovador para um edifício de apartamentos, o “Edifício da Torre”, cuja premissa era permitir que cada unidade fosse livremente configurada de acordo com os desejos dos moradores. Para tanto, foi preciso desenvolver um sistema sofisticado que incluía a concentração de serviços no centro da planta, encaminhamento horizontal de dutos e diferentes módulos de fachada. A proposta não foi compreendida pelos clientes, para quem a idéia de individualização era sem dúvida importante, mas deveria seguir outros critérios. A proposta só foi levada adiante no empreendimento “Casa Alta”, construído pouco tempo depois no Rio de Janeiro. Eduardo reconhece a importância dos experimentos do “Edifício da Torre” e do “Casa Alta” em seu projeto para os Edifícios Gemini I e Gemini II, de 1968, realizados pela construtora Forma e Espaço, para a qual o arquiteto teve a possibilidade de desenvolver soluções inovadoras de moradia bastante acessíveis à classe média paulistana (4).

Menos conhecido que o Gemini, o edifício Bela Cintra, realizado por Eduardo de Almeida no início da década de 60, ajuda a compreender seu procedimento de projeto. O edifício destinava-se a famílias de alto poder aquisitivo, com apartamentos-tipo de 250m<sup>2</sup>. Seu volume absolutamente regular é sustentado por pilares quadrados de concreto aparente dispostos externamente às fachadas laterais, mantendo a mesma largura de alto a baixo e o espaçamento constante de 5,50m de vão. Os materiais são usados de acordo com sua “verdade” funcional, com nítida distinção entre elementos estruturais e vedos, respectivamente concreto e tijolos aparentes. Reforçando a independência das funções, cada pilar está entre um par de caixilhos de vidro de piso a teto, de modo que estes nunca tocam os vedos de alvenaria. Cada andar é dividido transversalmente por dois apartamentos iguais, com as torres de circulação vertical e os banheiros posicionados no centro da planta. As aberturas mantêm-se regulares nas faces laterais, com dormitórios de um lado, cozinha e áreas de serviço do outro (5). Ocupando toda a largura do volume, as salas possuem aberturas tanto para as laterais, em continuidade com os outros ambientes, como para as fachadas da frente e dos fundos, onde há uma espécie de alpendre com uma parede cega aos fundos e acesso exclusivamente pelas laterais. Formalmente, a solução de rebaixo nos planos de cada andar é ao mesmo tempo marcante e discreta, pois, visto de frente, o edifício mantém a opacidade, não expondo suas aberturas. A presença desse elemento de exceção dentro do sistema básico do edifício faz ver que o projeto não está submetido a uma esquematização rígida tal como um formulário estabelecido a priori.

Mais do que semelhanças formais aparentes, encontramos no Bela Cintra princípios de projeto identificados com o conceito de organismo estrutural desenvolvido por Mies van der Rohe. Os diversos elementos presentes no edifício participam de um sistema total coerente. Os espaços são ao mesmo tempo geradores da estrutura e gerados por ela. Aqui não há possibilidade de individualização radical de cada apartamento, pois a flexibilidade não é um fim em si mesma, mas constitui o próprio método de geração do projeto. A alternância regular de planos opacos e transparentes e a posição externa dos pilares constituem um sistema básico que permite acomodar partes diferentes do



Edifício Bela Cintra, detalhe da fachada. Arquiteto Eduardo de Almeida



Edifício Bela Cintra, planta tipo. Arquiteto Eduardo de Almeida

programa, e até mesmo transformações na planta-tipo, sem criar rupturas internas ou externas. Como nos edifícios de Mies, a coerência do conjunto depende da fixação de alguns elementos, como os banheiros no centro da planta, para que haja justo equilíbrio entre os recursos despendidos e a qualidade dos espaços resultantes.

Algumas das soluções formais do Bela Cintra são bastante semelhantes às dos edifícios Gemini I e Gemini II. Neles também há distinção marcante entre os vedos de tijolos sem revestimento e os elementos estruturais de concreto aparente, assim como pilares espaçados a 5,50m e vigas em balanço nos cantos do volume. A coincidência de princípios em edifícios destinados a famílias de padrões tão distintos – os apartamentos do Gemini têm apenas 85m<sup>2</sup> e dois dormitórios – revela que a preocupação econômica não está associada apenas ao menor custo, mas principalmente a uma maior racionalidade, correspondente à solução mais justa.

Se nessa aplicação sistemática de princípios ordenadores há uma grande dose de idealidade, isto não deve ser confundido com a proposição de modelos ou projetos-síntese. Observando ao mesmo tempo os edifícios Bela Cintra e Gemini, é possível verificar que Eduardo de Almeida não parte de formas ou tipologias pré-concebidas, pois a coerência de seu método de projeto não impede que cada obra possua características próprias. A busca pela justa adequação dos princípios básicos às soluções particulares a cada programa ou situação é qualidade possível de ser aprendida e ensinada. É um modo de ação que pode construir não apenas novos espaços, mas também novos arquitetos.

*Ana Paula Pontes é arquiteta formada pela FAU-USP em 1994, com trabalho final de graduação orientado por Eduardo de Almeida. Entre 94 e 99 foi sócia do escritório Una Arquitetos, e atualmente é mestranda em História na PUC-Rio.*